



museu QUINTA DAS CRUZES

Editorial

Imbuídos do espírito das festividades e comemorações do Dia Internacional dos Museus que hoje se comemora (18 de maio), um pouco por todo o mundo, e inspirados no tema “*O Poder dos Museus*” que nos é proposto pelo ICOM (Conselho Internacional dos Museus) para reflexão, associamo-nos a este dia de festa com um programa que inclui o lançamento do Boletim MQC n.º 15 e Boletim Infantil N.º 12 e atividades direcionadas para o público em geral e, em particular, para os mais jovens, convidando-os a entrar, gratuitamente, no nosso espaço museológico, com o intuito de divulgar e promover uma maior aproximação com a comunidade residente.

Para entendermos qual é o “poder dos museus” devemos ir um pouco atrás na sua história, à sua origem, para melhor reconhecermos o seu caráter universal e a sua capacidade transformadora, de inovação, de adaptação perante a adversidade e de resistência ao longo dos séculos.

É em função da relação entre o tempo e a memória que os museus atuam e cumprem com a sua missão. É através desta que o museu se transforma num espaço de resistência ao tempo, tendo como principal finalidade agir, antecipadamente, perante o perigo do esquecimento e da destruição dos testemunhos e bens patrimoniais à sua guarda. Não existe informação, conhecimento e aprendizagem sem a presença da memória.

Por outro lado, a capacidade de comunicar e influenciar gerações sucessivas de jovens e adultos garantem a continuidade dos museus e dos múltiplos sentidos da sua existência.

Assim, o “Poder dos Museus” reside essencialmente na capacidade de salva-

guarda e divulgação da nossa herança histórica e património cultural, através do poder que a memória, num tempo e num espaço, nos confere e nos distingue.

Em 2022, libertos de muitos dos condicionalismos e constrangimentos a que estivemos sujeitos, nos dois últimos anos, teremos a oportunidade de proporcionar o reencontro mais alargado, descontraído e esperado com os nossos visitantes.

Com esta abertura e maior acessibilidade aos espaços culturais, o reconhecimento da nossa identidade cultural ganha novos desafios e reforça a nossa confiança, contribuindo para um desenvolvimento (pessoal e coletivo) mais sustentado, permitindo um olhar diferente e mais crítico sobre a nossa realidade e contemporaneidade.

Para preservar é necessário conhecer e reconhecer como nosso o património que é de todos.

Teresa Pais

(Diretora do Museu Quinta das Cruzes)



15

Maio de 2022

Índice

Editorial	1
A Associação Amigos do Museu da Quinta das Cruzes (AAMQC) – o Plano para 2022 e sua fundamentação.	2
João Wetzler (1896-1966). Industrial de bordados e antiguidades	5
Comemorações do I Centenário do nascimento de António Aragão no MQC	9
Exposição Temporária “Olhar(es) sobre a Ilha”	12
Exposição Temporária “Museu de Arte Contemporânea: a fundação”	14
Esmaltes de Limoges do Museu Quinta das Cruzes	16
A Mediação Cultural no Museu Quinta das Cruzes em anos de Pandemia	20
Lançamento do Livro infante - juvenil “6 séculos, 6 histórias”	23
Destaques	24

A Associação Amigos do Museu da Quinta das Cruzes (AAMQC) – o Plano para 2022 e sua fundamentação.



Em maio de 2022, cumprimos cinco anos de existência. É-nos, pois, possível, pedir o reconhecimento de Entidade de Utilidade Pública. Essa concessão baseia-se na análise do valor das atividades realizadas pela AMQC e no seu contributo para os objetivos, por nós transcritos, nos estatutos.

Temos, portanto, de rever quer o que pretendíamos alcançar, quer o que fizemos para isso. Este texto inicia esse dossier e justifica igualmente o nosso plano para 2022.

Como dissemos, no artigo publicado no Boletim MQC N.º 14¹, as genericamente designadas por Ligas de amigos dos Museus não podem ser corpos estranhos ao museu. Os seus objetivos e subsequentes planos de atuação são desenhados de forma a fazerem parte da vida do museu e devem organizar as suas ações de acordo com as orientações da direção do mesmo.

Daí a importância, diria mesmo, a necessidade, de fundamentar o seu programa na clarificação

da definição do que é um Museu e na rápida evolução que teve ao longo destes últimos cinco anos a referida definição.

A definição em vigor do que é um museu do ICOM², que data de 2007, diz que:

“O museu é uma instituição permanente sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, investiga, comunica e expõe o património material e imaterial da humanidade e do seu meio envolvente com fins de educação, estudo e deleite³.”

Em 2016, foi designado um novo comité permanente para estudar e apresentar uma nova definição⁴. Esta foi apresentada, como proposta para discussão, na reunião ICOM KYOTO 2019:

A Associação Amigos do Museu da Quinta das Cruzes (AAMQC) – o Plano para 2022 e sua fundamentação.

“Os Museus são espaços democratizantes, inclusivos e polifônicos, orientados para o diálogo crítico sobre os passados e os futuros. Reconhecendo e lidando com os conflitos e desafios do presente, detêm, em nome da sociedade, a custódia de artefactos e espécimes, por ela preservam memórias diversas para as gerações futuras, garantindo a igualdade de direitos e de acesso ao património a todas as pessoas.

Os museus não têm fins lucrativos. São participativos e transparentes; trabalham em parceria ativa com e para comunidades diversas na recolha, conservação, investigação, interpretação, exposição e aprofundamento dos vários entendimentos do mundo, com o objetivo de contribuir para a dignidade humana e para a justiça social, a igualdade global e o bem-estar planetário.”

Esta definição não foi aprovada, mas foi considerada como uma base de discussão para a nova definição, a aprovar na subsequente reunião mundial do ICOM.

Entre 2016 e 2020, houve várias tomadas de posição em regiões do Mundo, de que destaco a subscrição pela WFFM e pelo ICOM Europa de um documento conjunto sobre uma nova geração de políticas públicas para os museus. Esse documento, que tem por título “Museums, Social Landmarks/ Museus, Locais Sociais Emblemáticos”, viria a ser designado por Declaração do Funchal, e foi assinada em 11 de Maio de 2018, em cerimónia pública na nossa Ilha⁵. Nela está recomendado que “Os museus são incentivados, em particular, a promover o envolvimento da comunidade, o lançamento de programas voltados para os jovens adultos e o fortalecimento da capacidade de funcionar como catalisadores do desenvolvimento económico local.”

É também recomendado às autoridades que favoreçam: ” ...museus Hiper conectados”, e as “ligações dos mesmos com seus públicos e as comunidades nas quais eles estão situados”.

A nova definição continua ainda por aprovar sendo que já terminou a discussão internacional sobre o assunto, tendo sido publicada no “Report on the ICOM Member Feedback for a new museum definition “⁶.

Neste momento, estão em discussão cinco novas propostas alternativas⁷, compiladas entre as muitas numerosas críticas, estudos, consensos obtidos por inúmeros associados e instituições pertencentes ao ICOM. Têm a vantagem de serem muito mais sucintas que a extensa proposta que atrás mencionámos:

Proposta 1

Um museu é uma instituição acessível, inclusiva e sem fins lucrativos. Inspira descoberta, emoção, reflexão e pensamento crítico em torno do património tangível e imaterial. Ao serviço da sociedade, e em parceria ativa com diversas comunidades, a investigação de museus, a recolha, a conservação, a exposição, a educação e a comunicação. Operam profissional e eticamente, promovendo a sustentabilidade e a equidade.

Proposta 2

Um museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, acessível ao público e ao serviço da sociedade. Coleciona, conserva, interpreta e expõe património tangível, imaterial, cultural e natural de forma profissional, ética e sustentável para a investigação, educação, reflexão e fruição. Comunica de forma inclusiva, diversificada e participativa com as comunidades e o público.

Proposta 3

Um museu é uma instituição sem fins lucrativos, permanente ao serviço da sociedade que pesquisa, recolhe, conserva, expõe e comunica património tangível e imaterial. Aberto ao público, é acessível, inclusivo e promove a diversidade e a sustentabilidade. O museu funciona profissionalmente, eticamente e com a participação das comunidades, oferecendo variadas experiências de

A Associação Amigos do Museu da Quinta das Cruzes (AAMQC) – o Plano para 2022 e sua fundamentação.

audiência para fins de educação, fruição e expansão do conhecimento.

Proposta 4

Um museu é uma instituição inclusiva, sem fins lucrativos, aberta ao público, que pesquisa, recolhe, preserva, expõe e comunica património tangível e imaterial, facilitando reflexões críticas sobre a memória e identidade. Os museus estão ao serviço da sociedade, proporcionando experiências educativas e de partilha de conhecimentos. Impulsionados por comunidades ou moldados em conjunto com o seu público, os museus podem assumir uma vasta gama de formatos, fomentando a igualdade de acesso, sustentabilidade e diversidade.

Proposta 5

Um museu é uma instituição aberta e acessível sem fins lucrativos que recolhe, pesquisa, preserva, expõe e comunica o património tangível e imaterial das pessoas e do ambiente em benefício da sociedade. Os museus estão comprometidos com práticas éticas e sustentáveis e são operados de forma inclusiva e profissional para criar experiências agradáveis e educativas que fomentem a curiosidade e a descoberta.

Por tudo o que foi sendo discutido e publicado, ainda não consensualmente, pode dizer-se que a nova definição apontará para dar aos museus, na alteração que virá a sofrer, além das suas funções tradicionais de conservação, investigação e exposição do património, as de se constituírem como agentes culturais ativos, de se erigirem como polos de fundamentação das soluções para os problemas do mundo atual e, em suma, de se integrarem de facto como instituições-museus na sociedade a que pertencem, abrindo-se a ela e às suas necessidades e formas de vida. Por toda a Europa e, embora não conheça fora da Europa tão a fundo essas soluções, atrevo-me a dizer que, por todo o mundo, os museus estão a avan-

çar segundo estas orientações macro. Nós queremos ser parte deste movimento.

Assim, a AAMQC assume o risco da procura do encontro permanente com a realidade que nos rodeia, nesta Ilha, sabendo que o seu desenvolvimento, que necessariamente engloba os aspetos culturais, comporta muitos olhares diferentes, competências múltiplas, exigência de diálogo, riscos de exposição e conseqüente imprevisibilidade de conseqüências, tomadas de decisão e tempo de decantação que, por vezes, são difíceis de aceitar.

Fundamentada no que acima descrevi, AAMQC formula os seus objetivos e organizou o seu plano para 2022

por Ana Isabel Portugal

Professora Doutora da Faculdade de Ciências Exatas e Engenharias | Universidade da Madeira e Sócia Fundadora da AAMQC

¹ <https://mqc.madeira.gov.pt/noticias/lancamento-do-boletim-mqc-n-o-14/>

² <https://www.google.com/search?q=icom+portugal&oq=icom&aqs=chrome.1.69i57j35i39l2j0i512l3j0i10i512j0i512j0i10i512j0i512.10572j0j15&sourceid=chrome&ie=UTF-8>

³ Segundo os Estatutos do ICOM, aprovados pela 22ª Assembleia Geral, Viena, a 24 de agosto de 2007.

⁴ O Comité sobre a Definição de Museu, Perspectivas e Possibilidades (MDPP, 2017-2019) tinha como objetivo oferecer uma perspectiva crítica sobre a atual definição e apresentar uma definição com abrangência internacional.

⁵ <https://unescoportugal.mne.gov.pt/pt/noticias/declaracao-do-funchal-museus-lugares-sociais-embematicos>

⁶ Report on the ICOM Member Feedback for a new museum definition Independent analysis & report elaborated for the ICOM Define Committee. 22 junho 2021

<https://icom.museum/wp-content/uploads/2021/09/ICOM-Define-Consultation-2-Results-Report-vf-ENGLISH-180821OK.pdf>

⁷ <https://www.lucicreative.com/post/defining-museums-five-essays-by-segd-members>

João Wetzler (1896-1966) Industrial de bordados e antiguidades



João Wetzler, nascido, talvez devido a melhores condições hospitalares, em Viena de Áustria a 10 de junho de 1896, e falecido, no Funchal, a 11 de junho de 1966, judeu, determinou em testamento, executado em 1964, a doação de 333 peças de prata fina ao Museu da Quinta das Cruzes. Foram entregues a 15 de julho de 1966 e 191 estão expostas no piso baixo, entre elas obras inglesas, portuguesas, espanholas, francesas, holandesas, austríacas e alemãs dos séculos XVII a XIX, p. ex., taças, salvas/bandejas, açucareiros, saleiros, caixas de rapé, perfumadores e utensílios do culto judaico.

Era o mais velho dos cinco filhos do caixeiro viajante em bordados de algodão, Otto Wetzler, nascido em Libotschan [Libocany], na Boémia, a 16 de junho de 1862, e falecido, em Praga, a 5 de dezembro de 1919, e da camiseira Olga Wetzler, com o apelido de solteira Kiaschek, nascida em Praga, a 7 de outubro de 1872, e falecida na mesma cidade, a 26 de abril de 1916. Casados em

Praga, a 12 de maio de 1895. Os pais de Otto Wetzler chamavam-se Julius Wetzler, nascido em Libotschan, a 4 de novembro de 1837, e Libuscha Lidia Wetzler, com o apelido de solteira Weiner ou Steiner, nascida em Zdár, na Boémia, a 17 de março de 1842, e falecida em Praga, a 23 de setembro de 1914.

Em abril de 1916, João Wetzler, então ainda chamado Johann/Han(n)s Wetzler, era aspirante a cadete do I Regimento N.º 78. Participou, como oficial, na Grande Guerra, tendo sido ferido por uma bala que lhe passou pelo peito. Desde cerca de 1928, produzia roupa de criança, em Praga, onde chegou a ter uma fábrica de 20 a 30 lojas de nome «Bambino» (criança, em italiano). Em março de 1939, Praga foi ocupada pelas tropas alemãs e Wetzler fugiu para a Ilha da Madeira, onde, vindo de Lisboa no vapor português «Lima» e figurando na lista de passageiros ora como «Yan Wetzler», ora como «J. Watzler», desembarcou a 10 de abril de 1939.

João Wetzler (1896-1966)

Industrial de bordados e antiguidades

O oftalmologista judaico alemão Walter Emanuel Alexander-Katz, nascido em Hamburgo, a 7 de março de 1907, e falecido em Düsseldorf, a 3 de dezembro de 1994, que viera a Portugal Continental, em 1934, detendo-se na Madeira, temporariamente, desde 1937, e, permanentemente, entre 24 de dezembro de 1938 e 9 de novembro de 1945, onde exerceu clínica, tanto na Ilha como em Lisboa, esclareceu, numa entrevista de 29 de maio de 1994, que Wetzler tinha estranhamente um visto para a Madeira. Como caixeiro viajante em bordados de algodão, o pai, em negócios, já teria visitado a ilha antes de 1919, pelo que o filho Han(n)s, comerciante de um ramo semelhante, teria pedido um visto para a Madeira?

Segundo o médico Alexander-Katz, Wetzler possuía um passaporte checo e terá recebido rapidamente uma autorização de residência, porque neste documento Viden surgia como lugar de nascimento. O cônsul alemão da altura para a ilha, Emil Franz Gesche, nascido em Landsberg an der Warthe, a 16 de julho de 1876, e falecido, no Funchal, a 1 de junho de 1966, tinha jurisdição para a Alemanha, Áustria e o Protetorado da Boémia e Morávia, possivelmente, não saberia que Viden era Wien, em checo.



Logo depois da chegada de Wetzler à Madeira, teceram-se diversas histórias acerca da sua situação financeira. Uns achavam que tinha che-

gado à ilha sem um tostão, encontrando uma moeda de cinco escudos após os primeiros passos no cais. Outros julgavam que tinha trazido jóias costuradas dentro do fato e ainda outros eram da opinião de que tinha consigo objetos preciosos, p. ex., peças de ouro e prata. Asseguravam, igualmente, que tinha mandado vir dinheiro depositado num banco.

O empregado de Wetzler, entre 1946 e 1949, João Silvério Cayres, nascido, no Funchal, a 20 de junho de 1925, e falecido a 20(?) de outubro de 2011, explicou que o seu patrão lhe confiara ter vindo para a ilha com cerca de 50 mil escudos e com vários catálogos de uma antiga fábrica sua, de roupa, como prova das suas capacidades. De acordo com Alexander-Katz, Wetzler, em Praga, tinha sido multimilionário, trazendo para o Funchal, pelo menos, ouro e prata. Conforme o oftalmologista, Wetzler, além de alemão, falava fluentemente checo, devendo ter frequentado a escola em Praga. Tinha aprendido igualmente francês e inglês e tinha provavelmente algumas luzes de russo.

Mesmo pouco tempo após a chegada à ilha, que desconhecia, Wetzler não parecia ter maiores problemas financeiros. O médico lembrou que o comerciante, desde o princípio, frequentava, no Funchal, restaurantes de luxo. Ainda, em 1939, conseguiu convencer o industrial funchalense de bordados, com bazar na Rua dos Murças, Manuel Hugo Luís da Silva, das suas qualidades de negociante, e juntos dirigiram-se ao Dr. Francisco Alberto Correia, da Junta Geral do Distrito Autónomo do Funchal. Embora ainda não falando português e pouco inglês, Wetzler disse-lhe que gostaria de comercializar bordados, precisando para isso de uma permissão de residência permanente na ilha.

João Wetzler (1896-1966)

Industrial de bordados e antiguidades

Deferido o requerimento, Manuel Hugo Luís da Silva e Wetzler fundaram a firma «Jan (Hans e João em checo) Wetzler & Silva, Limitada», tendo cada um dos sócios 50%. Pelo menos no início, exportaram também outros produtos madeirenses, além de bordados. No princípio, a fábrica ficava na Rua Bartolomeu Dias, n.º 19, onde Manuel Hugo Luís da Silva morava, depois num prédio da Rua António José de Almeida, ao lado do restaurante «Apolo», e finalmente na Rua dos Ferreiros, n.º 159.



A secção da lavagem, engomagem e de pessoal estava provisoriamente instalada na Rua João Távira. Os bordados venderam-se, durante dez anos, na «Loja Bimbo», o primeiro estabelecimento da Madeira de vestuário de criança já confeccionado, idealizado e produzido por Wetzler. Localizava-se na Avenida Arriaga, no piso baixo do antigo Hotel Golden Gate. Primeiro, esta loja vendia apenas roupa de criança, mas depois alargou o leque de produtos para bordados efetuados pela firma.

A comercialização local ficava a cargo de Manuel Hugo Luís da Silva e Wetzler tratava da exportação. Viajava, p. ex., à África do Sul,

América do Norte e Venezuela, propagandando os produtos e ganhando muito mais do que o sócio. Teve igualmente alojamentos cada vez melhores: pelo menos em 1941, vivia numa casa alugada na Rua do Conde de Carvalhal, no Chão da Loba; a seguir, habitou uma casa no Caminho da Torrinha, n.º 42, e por fim, mudou-se para a Quinta da Saudade, na Rua do Til, Beco do Sales, n.º 3, primeiro alugada e depois adquirida. Por 1958, Wetzler encerrou a sua fábrica de vestuário de criança e bordados, situada na Rua dos Ferreiros, participando, só como sócio, na empresa criada no mesmo lugar, «Rodrigues & Tischer, Lda.», sendo aquele um dos seus empregados e este o seu companheiro de Praga (1).

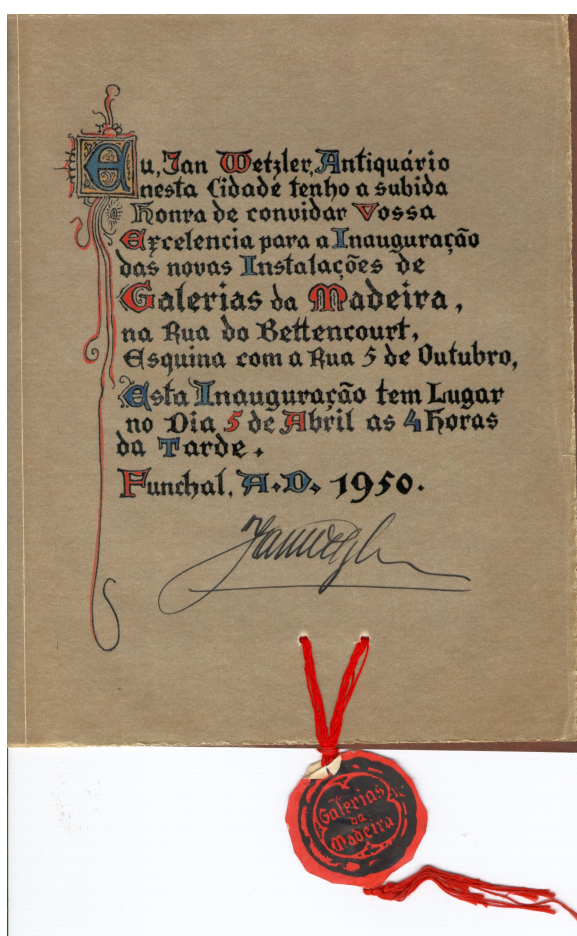
Quando Wetzler se encontrava, há dez anos, na ilha, requereu, a 10 de abril de 1949, a naturalização portuguesa. O Ministério dos Negócios Estrangeiros português achou primeiro insuficiente a documentação entregue pelo requerente, alegando, p. ex., que dela não constava se Wetzler tinha cumprido o serviço militar ou não. A 1 de junho de 1949, deferiu, porém, o pedido devido a «relativa importância dos capitais investidos em Portugal por Jan Wetzler [sic] e a natureza desses investimentos [...] de molde a indicar a intenção do interessado de estabelecer-se definitivamente no país». O Processo 35.641 N.º 124 findou com um ofício, de 11 de junho de 1949, endereçado ao Director-Geral da Administração Política e Civil, em que «a Secretaria de Estado não» poria «objecções à naturalização de Jan Wetzler no caso de o Governador Civil do Funchal entender que ele» traria «vantagem para a economia da Ilha da Madeira». Por esta ocasião, ficou oficialmente com o nome de João Wetzler.

Cedo, Alexander-Katz levava Wetzler no seu «Austin» a leilões e aos domingos pela Ilha, onde o segundo comprava móveis ingleses e outras peças antigas de valor. Quando o médico já morava em Lisboa, também adquiria anti-

João Wetzler (1896-1966)

Industrial de bordados e antiguidades

guidades para Wetzler, mas este ia igualmente amiúde em negócios à capital, juntando-as num armazém alugado na Rua dos Netos. Com a ajuda de Cayres, organizou na Rua da Carreira, n.º 128-130, uma loja de antiguidades, «Galerias da Madeira», inaugurada em fins de 1946. O negociante ia frequentemente a Londres para comprar mais peças antigas e durante o ano todo, Tischer, em leilões, adquiria outras para Wetzler.



No início de 1950, a loja foi transferida para a Rua do Bettencourt, n.º 12. Os primeiros frequentes eram ingleses residentes ou visitantes. Os últimos, provenientes, p. ex., da Cidade do Cabo, compravam e levavam para Inglaterra curiosamente o mobiliário que Wetzler acabara de adquirir na ilha britânica. Pouco a pouco, conseguiu interessar também os ilenhos por

móveis, quadros e pratas antigos. Entretanto, Wetzler, no Funchal, comprou a Quinta do Deão, instalando aqui um verdadeiro museu de pintura.



Cerimónia de entrega do Legado de João Wetzler, 1966

por Eberhard Axel Wilhelm
Mestre em Linguística Portuguesa Descritiva;
técnico superior aposentado do Ministério dos
Negócios Estrangeiros e estudioso de temas
culturais germano-madeirenses

¹ Edwin/Eduíno Tischer era o companheiro de Wetzler de Praga, um engenheiro alemão, ariano, louro, dos Montes Sudetas. Ainda, em 1939, tentou seguir para a Madeira, mas os ingleses intercetaram o navio no Atlântico, levando Tischer para Inglaterra, onde, mais tarde, se estabeleceu com uma loja de antiguidades, em Londres, perto da Baker Street, comercializando principalmente porcelana. Abriu, com Wetzler, as «Madeira Galleries», na Crowford Street, perto da Baker Street. Posteriormente, visitou muitas vezes o Funchal.

Comemorações do I Centenário do nascimento de António Aragão no MQC



No dia 21 de setembro de 2021, entre as 10h30 e as 12h30, realizou-se no Museu Quinta das Cruzes um ciclo de conferências sobre o tema Palavrando sobre História, Arqueologia e Museologia, integrada no projeto EVOCAÇÕES - A imaginação passa de espelho receptivo a operante, inserido no âmbito nas Comemorações do 1.º Centenário do Nascimento de António Aragão (1922-2022), uma organização conjunta de Emanuel Gaspar e Isabel Santa Clara.

Neste contexto, a escolha do Museu Quinta das Cruzes para a realização deste evento foi natural e pertinente, na medida em que a atividade de António Aragão, como arqueólogo, historiador e museólogo, foi particularmente relevante e está intimamente ligada à história desta instituição museológica.

Este ciclo de conferências, que reuniu um conjunto de investigadores e especialistas relaciona-

dos com a História, a Arqueologia e a Museologia, teve o mérito de distinguir e relevar o extenso e importante trabalho de António Aragão nestas áreas, nomeadamente no que diz respeito à investigação histórica com obra publicada sobre a história da cidade do Funchal e ao levantamento e inventário sistemático do património cultural, artístico e etnográfico do Arquipélago da Madeira.

Licenciado em Ciências Histórico-Filosóficas pela Universidade de Lisboa, com especialização em Biblioteconomia e Arquivística pela Universidade de Coimbra, nos primeiros anos da década de 50 do século XX, regressa à Madeira e inicia funções no Arquivo Distrital do Funchal (Arquivo Regional da Madeira), tendo sido posteriormente seu diretor.

No seu percurso profissional assumiu, simultaneamente, outros cargos de direção e integrou equipas de outras instituições e organizações culturais da Região, nomeadamente no Museu Quinta das Cruzes, como membro efetivo das Comissões Diretivas deste museu, por deliberação da Junta Geral do Distrito Autónomo do Funchal, entre as décadas de cinquenta e sessenta do século XX.

Durante este período, António Aragão foi ainda delegado dos Museus e Monumentos Nacionais na Madeira e membro da Comissão de Arte e Arqueologia da Câmara Municipal do Funchal.

A comunicação, O Percurso de António Aragão no Museu Quinta das Cruzes, teve por objetivo dar a conhecer os factos mais relevantes da sua ação e do seu trabalho, nestas três áreas do conhecimento, com base na documentação existente no arquivo do museu, em artigos da imprensa regional e na sua obra publicada O Museu Quinta das Cruzes.

Comemorações do I Centenário do nascimento de António Aragão no MQC

A apresentação focou essencialmente duas áreas essenciais da sua intervenção: o processo de criação do Museu Quinta das Cruzes, o pensamento e o legado museológico de António Aragão.

O Museu da Quinta das Cruzes é formalmente inaugurado a 28 de maio de 1953. Esta iniciativa mereceu o reconhecimento público das diversas



entidades públicas envolvidas neste processo e de um número significativo de personalidades relacionadas com a cultura e com a atividade artística na Ilha da Madeira, entre elas, António Aragão, que deram testemunho da sua relevância artística e patrimonial, tendo depositado muitas esperanças neste projeto, como meio de transmissão e dinamização cultural.

Ainda no que diz respeito à arqueologia é importante referir, neste contexto, que foi sob a sua orientação que foram realizadas as escavações arqueológicas nas ruínas do Convento de Nossa Senhora da Piedade, em Santa Cruz. Foi através desta recolha que foi possível identificar e transferir para a Capela da Nossa Senhora da Piedade, fundada em 1692 e localizada nos jardins deste museu, o túmulo do primeiro antepassado da família Lomelino, proprietária da Quinta das Cruzes entre os séculos XVII e XIX, o genovês e mercador Urbano Lomelino, que foi também o fundador do referido convento no século XVI (1518, por ordem testamentária).

António Aragão, entre 1962 e 1964, na qualidade de bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian, viaja para França, onde estudou museologia e etnografia na Universidade de Paris, estagiou no “Museu do Homem”, sob a orientação de George Henri Rivière, um dos mais consagrados museólogos do seu tempo, senão o maior, também responsável pela renovação e transformação do ensino da museologia em França (Escola de Paris). George Henri Rivière foi, ainda, o fundador do Museu Nacional de Artes e Tradições Populares (Paris) e tornou-se no primeiro presidente do ICOM (Conselho Internacional dos Museus) junto da UNESCO, entre 1948 e 1965. Desempenhou um papel importante no desenvolvimento dos museus de etnografia e da criação do conceito da ecomuseologia, que irá influenciar decisivamente a divulgação deste tipo de museus à escala europeia e global.

António Aragão, após o seu regresso de Paris, com uma nova perspetiva e conhecimentos museológicos, integrou novamente as comissões diretivas do Museu Quinta das Cruzes, ficando à sua responsabilidade uma parte significativa da gestão e dinamização desta instituição. Refira-se, a título de exemplo, o seu papel na recolha e na proposta de aquisição de novos objetos de natureza etnográfica, do ponto de vista patrimonial mais representativos da história do Arquipélago da Madeira, a fim de valorizar e diversificar o acervo do Museu Quinta das Cruzes, dotando-o de uma maior abrangência e vocação, indo ao encontro do que na época se considerava uma função natural de um Museu Regional.

O apreço e dedicação de António Aragão pela etnografia e a sua proximidade com a arte moderna e contemporânea, traduziu-se no enriquecimento e diversificação do património cultural da Região, através de aquisições sistemáticas de peças que incorporaram o acervo inicial do Museu Quinta das Cruzes e que atualmente fazem parte do espólio dos museus entretanto criados

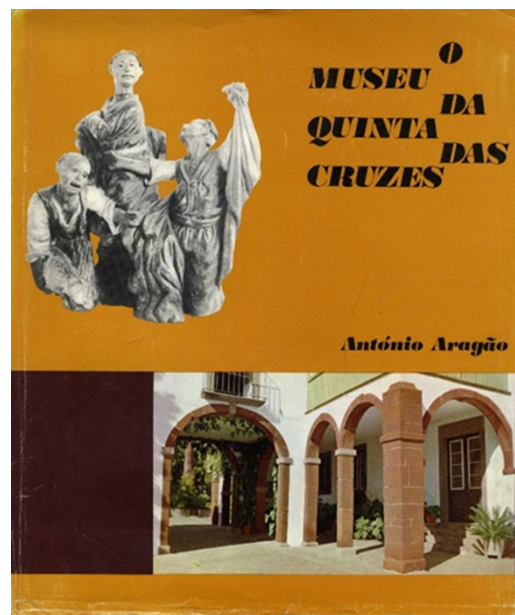
Comemorações do I Centenário do nascimento de António Aragão no MQC

e com vocação específica para essas áreas temáticas: o Museu Etnográfico da Madeira e o MUDAS. Museu de Arte Contemporânea da Madeira.

No período em que fez parte das Comissões Diretivas do Museu Quinta das Cruzes, António Aragão produziu ainda umas das mais exaustivas e completas investigações, no que concerne ao contexto histórico da Quinta das Cruzes e o seu enquadramento na cidade do Funchal, como ainda foi da sua iniciativa o registo fotográfico, estudo e inventariação de todo o seu acervo.



Deste trabalho resultou a publicação, em 1970, do primeiro catálogo do Museu Quinta das Cruzes, edição promovida pela Junta Geral do Distrito Autónomo do Funchal, e que continua, nos dias de hoje, a ser uma referência obrigatória para o conhecimento e estudo desta instituição.



É importante que se registre que nesta obra António Aragão expressa já claramente a defesa de uma nova dimensão e um novo conceito de museu e de valor público associado ao património cultural e artístico, colocando o enfoque na sua função social e na sua ligação e abertura à comunidade, como condição necessária para o cumprimento da sua missão, revelando preocupações sociais, que só mais tarde, a partir da década de oitenta, viriam a ser adotadas, de forma sistemática, por um número crescente de museus portugueses.

por Teresa Pais
Diretora do Museu Quinta das Cruzes

Exposição Temporária “Olhar(es) sobre a Ilha”



No âmbito das Comemorações do I Centenário do Nascimento de António Aragão (1921-2008), o Museu Quinta das Cruzes apresentou quatro desenhos aguarelados de sua autoria, “Procissão”, “Peixeiros”, “Homens de Carga” e “Borracheiros”, datados de 1965, adquiridos pela Junta Geral do Distrito Autónomo do Funchal, em 1966, e que integraram a exposição “Aquarelas de Costumes da Madeira”, realizada em 1983, no Átrio do Teatro Municipal do Funchal, Baltazar Dias.

Estra mostra, inaugurada, pelo Senhor Secretário Regional de Turismo e Cultura, no dia 16 de novembro de 2021, pretendeu dar a conhecer desenhos e aguarelas de usos e costumes de uma Madeira antiga, sob diferentes perspetivas e olhares de artistas, separados por um século.



Peixeiros

António Aragão. Madeira, 1965 (MQC 1510)



Homens de carga

António Aragão. Madeira, 1965 (MQC 1511)



Borracheiros

António Aragão. Madeira, 1965 (MQC 1509)

Exposição Temporária “Olhar(es) sobre a Ilha”



Procissão

António Aragão. Madeira, 1965 (MQC 1512)

Foram assim, postas em confronto, a visão romântica do século XIX, de Emily Geneviève Smith (1806-1885), com a visão vanguardista do século XX, de António Aragão, complementada com um apontamento escultórico, “Borracheiro”, de autoria de Francisco Franco (1885-1955).



Peasant Girl. St. Vicente

Emily Geneviève Smith. 1842
(MQC 1084.85)

Neste conjunto de trabalhos, António Aragão regista, através de um discurso visual ao nível da linguagem do desenho, fazendo recurso da simplificação geométrica, apoiada num traço rápido, estilizado e dinâmico, de quase esboço, um conjunto de «quadros» de cariz etnográfico, que muito encerram do ponto de vista da crítica social, mas também enquanto testemunho do quotidiano rural do arquipélago.



António Aragão construiu um percurso artístico multidisciplinar, que procurou caminho por entre os principais movimentos de vanguarda do século XX. Quer na literatura, como nas artes plásticas, passando pela poesia visual e concreta, de que foi um dos precursores, a sua obra ficou marcada por um exercício constante de rutura, desconstruindo e criando novas linguagens plásticas de carácter experimental.

No seu importante legado estão as bases de trabalho para o conhecimento futuro, mais aprofundado da realidade social, tradições e da cultura do arquipélago da Madeira.

Exposição Temporária “Museu de Arte Contemporânea: a fundação”



No dia 4 de Março de 2022, pelas 17h00, teve lugar no Museu da Quinta das Cruzes a abertura da exposição “Museu de Arte Contemporânea: a fundação”.

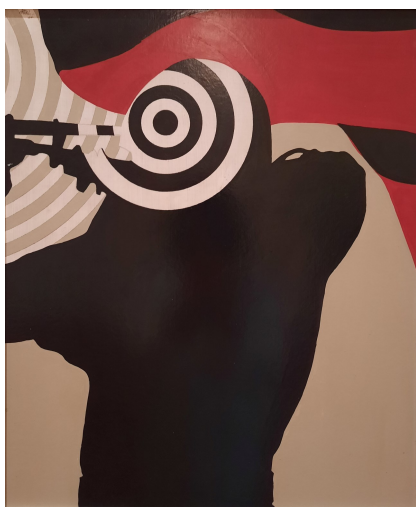
No momento de abertura desta mostra foi ainda apresentado publicamente o programa das comemorações dos trinta anos da Fundação do Museu de Arte Contemporânea. Esta exposição poderá ser visitada no Museu da Quinta das Cruzes até ao dia 31 de Outubro de 2022.



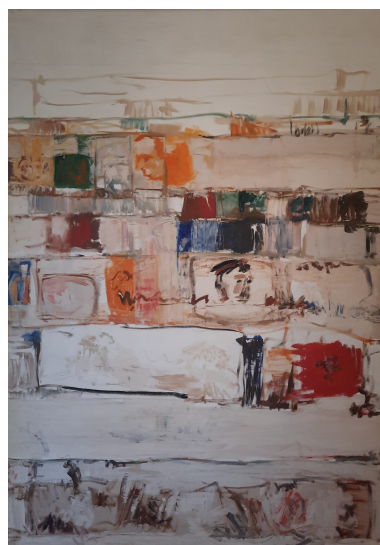
Passados trinta anos da sua fundação, o Museu de Arte Contemporânea da Madeira regressa à casa que lhe serviu de berço, o Museu da Quinta das Cruzes, para, simbolicamente, dar início às comemorações do seu trigésimo aniversário, com a apresentação de uma mostra evocativa do espírito que norteou as exposições de arte moderna aqui realizadas durante a década de 60 do século XX, certames que estão na génese da fundação daquele museu.

Exposição Temporária “Museu de Arte Contemporânea: a fundação”

Nesta exposição é apresentada uma selecção de obras de arte, parte do Núcleo de Arte Contemporânea, resultante das aquisições e prémios decorrentes da I e II Exposição de Arte Moderna e do Prémio Cidade do Fundal (1966-1967). Obras de Joaquim Rodrigo, “GN - Guarda Noturno” (1961) – Prémio Cidade do Funchal, em 1966; Nuno Sequeira, “Estudo para um Humanómetro” (1965); António Areal, “Sobre um deus morto” (1966) – Prémio Cidade do Funchal, em 1967, “Estudo” (1966) e “Um glorioso soldado da anarquia” (1966); Manuel Baptista, “Baixo relevo n.º1” (1966); e Jorge Martins, “One scene one cut” (1966), relembram-nos da vanguarda que norteou a produção artística nacional deste período, fortemente influenciada pela experimentação e por uma certa deslocação do debate artístico no “espaço” que compreendia o território português, à época, já distante do naturalismo saudosista e bacoco vigente, e que conduziu à adopção de “novas” linguagens, como o “nouveau réalisme” e o “neo-figurativismo”, movimentos que irão servir de base para uma mudança de paradigma, uma ruptura, que deixou marcas indeléveis e incontornáveis na forma de pensar e fazer arte em Portugal.



Um glorioso soldado da anarquia
António Areal. 1966



Estudo para um Humanómetro
Nuno Sequeira. 1965



Sobre um deus morto
António Areal. 1967

por Márcia de Sousa
Diretora do MUDAS.Museu de Arte Contemporânea da Madeira

Esmaltes de Limoges do Museu Quinta das Cruzes

Por esmalte entende-se *matéria vitrificada, mais ou menos opaca e diversamente colorida pela introdução de diversos óxidos metálicos, que se solidifica ao passar ao fogo tornando-se impermeável. Quanto ao processo de execução, há quatro categorias principais: esmalte cloisonné, esmalte champlevé, esmalte translúcido sobre relevos e esmalte pintado.*¹ Estas técnicas foram aplicadas em diferentes suportes como a madeira, a cerâmica e o metal, em particular em chapas fundidas.

A arte do esmalte, remonta aos egípcios que a aplicaram para adornar as suas joias, assim como os gregos e os romanos. Na Idade Média atingiu a sua magnificência com o Império Bizantino.

Foi amplamente divulgada e apreciada na Idade Média, porém, teve em Portugal, desenvolvimento, divulgação e interesse tardios por parte de colecionadores, bem como de historiadores de Arte (no século XIX), comparativamente com o restante panorama europeu.

O Museu Quinta das Cruzes detém no seu espólio um conjunto de sete placas com pintura em esmalte policromo com apontamentos em ouro sobre cobre, datadas dos séculos XVII e XVIII.

O esmalte pintado foi a técnica mais divulgada no nosso país e Limoges, o seu grande centro produtor. As sete placas de carácter essencialmente religioso e devocional, de pequeno porte, incorporam as coleções do Museu desde 1946, por doação de César Gomes (Figura de Santo (São Marcos?) MQC1010, Retrato de Senhora MQC1011, MQC1012 Mater Dei, S. Ioannes MQC1013, Saint Antoine De Pade MQC1014, Sainte Anne MQC1015 e Santa Ana ensinando a Virgem a ler MQC1016).

Foram alvo de estudo pela Doutora Ana Paula Machado Santos, conservadora do Museu Nacional Soares dos Reis na sua tese de doutoramento intitulada *Esmaltes de Limoges e Peninsulares em Portugal da Época Medieval à Época Moderna*, publicada em dezembro de 2018.



Esmaltes de Limoges do Museu Quinta das Cruzes

As primeiras placas deste tipo de esmalte, surgiram no século XV, tendo as oficinas atingido o auge da sua produção e exportação no século XVI e depois entrado em declínio em meados do século seguinte, cerca de 1630-1631, devido à Peste Negra que assolou e praticamente desertou a vila de Limoges. Resistiram apenas duas das grandes oficinas: *Laudin* e *Noailher*.

Associada à ourivesaria, apesar de todas as vicissitudes, a arte do esmalte desenvolveu temáticas de cariz religioso e devocional, mas procurou ir ao encontro de novos mercados e nova clientela tendo por isso, recorrido a novos temas mais abrangentes e menos exigentes quanto à sua composição pictórica, porém mantendo a qualidade técnica. Resultou num crescimento de representação de Santos, cenas de carácter utilitário, ao gosto da figura do *encomendante* como passagens importantes da sua vida de forma a perpetuar esses mesmos momentos, entre outros episódios cuja temática permanece alheia aos historiadores.

Neste contexto, de acordo com o estudo desenvolvido pela Doutora Ana Paula Machado Santos na sua tese de doutouramento, das sete placas de esmaltes do Museu Quinta das Cruzes, mereceram particular observação as seguintes peças:

Retrato de Senhora

(MQC1011), datado de meados do século XVII, (provavelmente por volta dos anos 40), que sob o olhar da especialista, aparentamos estar na presença de uma temática raríssima, tendo a mesma comparando-a com outras placas semelhantes que se encontram no Museu do *Lowre* e na *Wallace*



Figura 1 – Retrato de Senhora (MQC1011)

Collection. Todas elas retratam uma figura feminina de corpo a três quartos possuindo aspetos em comum. *Uma coifa de formato peculiar na cabeça e uma gola redonda, franzida, que se estende até os ombros, traços fisionómicos muito semelhantes e vestes em tons de violeta. A figura da placa do Louvre segura um livro e um terço nas mãos, tem na sua frente um elemento quadrangular com dois círculos dourados, que poderá evocar um tabuleiro, uma prancha ou um rolo. A figura da placa do MQC apresenta na frente um quadrado negro liso sob o qual se ocultam parte dos braços e as mãos da figura. Ainda de acordo com a autora, estamos perante uma situação de incerteza uma vez que parecem ter sido executadas por diferentes mãos trazendo para cima da mesa a hipótese de que estamos perante algum estrato social ou alguma figura protagonista de uma situação em particular que merecera a atenção de pelo menos dois artistas distintos. Retrato de Senhora (MQC 1011), não possui qualquer marca ou assinatura, é desconhecida dos especialistas, no entanto mantém-se a atribuição de aproximação ao atelier *Laudin*.*

Prosseguindo o estudo, comparou outras duas placas do MQC datadas do século XVII que apresentam composições pictóricas muito próximas entre si, **S. Ioannes** (MQC1013) e **Figura de Santo (São Marcos?)** (MQC1010), ambas seguem o mesmo esquema pictórico.

Os santos representados a meio-corpo em posição frontal, de carnções brancas, modeladas a cinza e vermelho com fino reticulado, os panejamentos vincados e coloridos apresentam realce a ouro através de tracejado espesso. Estão inscritos em fundo negro ornamentado com elementos florais estilizados.

Esmaltes de Limoges do Museu Quinta das Cruzes



Figura 3 – S. Ioannes (MQC1013)



Figura 2 – Figura de Santo/ São Marcos (?), (MQC1010)

O primeiro apresenta o rosto voltado para a frente, a mão direita aberta sobre o peito e a esquerda segurando em cálice dourado. Tem na frente um livro aberto. Traja túnica cingida junto ao pescoço, de gola redonda e manto azul sobre um dos ombros. O segundo, São Marcos (?), tem o rosto voltado à esquerda direcionado para cima, cruza as mãos na frente sobre o ventre, segurando numa das mãos um cajado, na outra um livro e manto verde que lhe cai sobre um dos ombros e antebraço.

Santa Ana Ensinando a Virgem a Ler (MQC1016), datado de finais do século XVII, princípio do século XVIII, placa de maiores dimensões em relação às restantes peças, mereceu atenção especial pela *invulgar moldura delineada a branco, pelo tipo de pincelada e distribuição da cor, pela paleta e pelo desenho da fisionomia da figura*, que a pôde comparar por aproximação com uma outra placa de esmalte pintado pertencente ao *Musée des Arts Décoratifs de Bronzes*, atribuída a Bernard Noualhier, por *Véronique Notin*, em 2006.



Figura 4 – Santa Ana ensinando a Virgem a ler (MQC1016)

Mater Dei (MQC1012), é a única das sete que está assinada e atribuída à oficina limusina de *Jacques I Laudin* (c.1627-1695) ou *Jacques II Laudin* (c.1663-8-1729). No decorrer da sua investigação, a especialista deparou-se com diversos hiatos nas fontes documentais particularmente em Portugal devido à falta de interesse e registo dos investigadores, colecionadores e dos antiquários e só no século XIX começamos a ter informações no que concerne a este assunto. Segundo a Doutora Ana Paula Machado Santos *contribuíram para a sua divulgação e estudo, exposições realizadas como a Grande Exposição de Arte Ornamental Portuguesa e Espanhola, realizada em Lisboa em 1882 e, na sequência do Festival Europália de 1991, que contribuíram para a divulgação, mostra e a fomentação de um crescente interesse nesta arte por parte de estrangeiros e colecionadores de todo o mundo. (...) Em finais do século XIX Joaquim de Vasconcelos, Alfredo de Guimarães, Gabriel Pereira, Artur Lobo d'Ávila e Levy Bensabat também fomentaram, através dos seus registos e análises o conhecimento, estudo e divulgação das placas de esmaltes no nosso país.*



Figura 5 – Mater Dei (MQC1012)

Infelizmente, a falta de documentação resulta na falta de informação não nos permitindo deste modo, conhecer o historial das placas em análise. Informações básicas como por exemplo a quem terão pertencido ou onde terão sido adquiridas pelo colecionador César Gomes são dúvidas que permanecem.

Esmaltes de Limoges do Museu Quinta das Cruzes

O estudo efetuado pela Doutora Ana Machado Santos permitiu um ligeiro avanço no conhecimento destas mesmas peças, ainda que por análise, comparação ou aproximação de datas bem como de artífices. Pelo menos três delas são peças raras no seio do colecionismo português: Figura de Santo (São Marcos?) (MQC 1010), S. Ioannes (MQC 1013) e Retrato de Senhora (MQC 1011), sendo esta última considerada rara em contexto internacional. E que **Saint Antoine de Pade** (MQC 1014), **Sainte Anne** (MQC 1015) e Santa Ana Ensinando a Virgem a Ler (MQC1016), inserem-se numa produção com uma gramática mais corriqueira que conheceu ampla divulgação em Portugal, do século XX.



Figura 7- Saint Antoine de Pade (MQC1014)



Figura 6 – Sainte Anne (MQC1015)

De 27 de julho a 31 de outubro de 2021 estas placas integraram a exposição intitulada **Azul e Ouro – Esmaltes em Portugal da Época Medieval à Época Moderna**, que decorreu no Museu Nacional Soares dos Reis, no Porto. Na génese desta exposição temporária estiveram um conjunto de 26 placas de esmalte pintado, proveniente do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, datado do século XVI. Estiveram expostas ao lado de alguns tesouros nacionais como o Tríptico da Paixão de Cristo (1510-1540) do Museu Nacional Frei Manuel do Cenáculo e de dois cofres da Sé de Viseu, datados do século XIII. Esta foi considerada *a primeira exposição em Portugal dedicada em exclusivo ao esmalte artístico produzido nas oficinas de Limoges*.

De 19 de novembro de 2021 a 22 de janeiro do corrente ano, quatro destas sete placas (MQC1010, MQC1011, MQC1012 e MQC1013), estiveram expostas ao público no Museu Machado de Castro, em Coimbra.

O intercâmbio de peças visa o estudo, conhecimento, divulgação das mesmas e, conseqüente, valorização do património cultural português, neste caso em particular da Região Autónoma da Madeira. Assistimos à valorização deste núcleo de esmaltes cuja presença nestas duas exposições temporárias lhe conferiu uma maior visibilidade ao nível nacional como internacional. Consideramos ser uma mais-valia o facto de terem estado expostas ao lado de grandes tesouros nacionais.



por Joana Veiga França
Técnica Superior do Museu Quinta das Cruzes

¹SILVA, Jorge Henrique Pais da; CALADO, Margarida Dicionário de Termos de Arte e Arquitectura. Editorial Presença, 1ª edição, Lisboa, março, 2005. Pág.146.

Bibliografia

- SANTOS, Ana Paula Machado Esmaltes de Limoges e Peninsulares em Portugal da Época Medieval à Época Moderna. CITCEM, cultura, espaço e memória. Edições Afrontamento. Dezembro 2018.
- SILVA, Jorge Henrique Pais da; CALADO, Margarida Dicionário de Termos de Arte e Arquitectura. Editorial Presença, 1ª edição, Lisboa, março, 2005.

A Mediação Cultural no Museu Quinta das Cruzes em anos de Pandemia

"(...) um museu é um lugar vivo, um lugar onde o passado se junta ao presente, um lugar que vale a pena visitar. (...) os Museus são lugares onde a vida acontece"

Graça Alves, 2022

Museu é espaço de vida, de encontro e de transformação.

Mediar as coleções com o público que nos visita é divulgar e dar a conhecer os bens culturais, os objetos artísticos, mas é também, abrir espaço para a criação de novos diálogos, de novos conhecimentos e de pontes entre o passado, o presente e a construção de um futuro, que se quer significativo e sustentável para todos.

O MQC, através da equipa do Serviço Educativo, realiza um trabalho de interdisciplinaridade com os profissionais das diversas áreas de intervenção museológica, no sentido de dar resposta às solicitações dos diversos grupos que nos procuram, planificando um conjunto de propostas pedagógicas e projetos educativos que visam divulgar as coleções do museu à comunidade em geral – escolas, grupos com necessidades específicas, adultos, idosos e outros públicos – que, através da dinamização pedagógica realizada, passam a conhecer o Museu, a sua importância no panorama cultural da Região e integram este espaço cultural como um lugar de encontro para todos, sem exceção.

Estando a viver em tempos de mudança, que nos obriga à adaptação contínua, a atividade pedagógica do MQC, no ano de 2021, foi realizada entre propostas pedagógicas digitais e a gradual retoma da atividade presencial. Neste artigo, iremos descrever em linhas gerais as principais atividades / projetos educativos que tiveram, lugar no Museu Quinta das Cruzes, no ano de 2021.

| VISITAS GUIADAS

As visitas guiadas são as atividades com maior expressão no Museu Quinta das Cruzes e são a base da maior parte da relação entre a comunidade e o Museu.

Podem ser realizadas sob várias perspetivas, desde uma visita guiada geral até uma visita guiada temática. Para complemento das visitas guiadas são, por vezes, realizadas explorações pedagógicas, desde jogos educativos, ateliês de expressão plástica, entre outras iniciativas que ajudam os visitantes a consolidar os conhecimentos adquiridos aquando da visita.

Este ano, destacamos ainda, a realização de mais visitas - jogo, que trouxeram a possibilidade de realizar a visita às coleções de forma mais dinâmica e com maior autonomia para o visitante. A dinamização destas visitas, que já faziam parte das propostas do Serviço Educativo, resultaram

de um pedido de parceria realizado pelo SIPE (Sindicato Independente dos Professores e Educadores) ao Museu Quinta das Cruzes no âmbito da formação de professores e educadores, revelando-se numa ferramenta de exploração do Museu enriquecedora, segundo avaliação dos utilizadores.



A Mediação Cultural no Museu Quinta das Cruzes em anos de Pandemia

| PROJETOS EDUCATIVOS

Ao longo dos últimos anos o Serviço Educativo do Museu tem desenvolvido uma série de projetos educativos diversificados e potenciadores de novas formas de mediação entre o visitante e as coleções, entre os quais destacamos os seguintes, realizados no ano 2021:

Projeto | Verão no MQC

O projeto “Verão no MQC” foi uma iniciativa desenvolvida em 2021 e dirigida, sobretudo, aos grupos que visitam o MQC associados aos Ateliês de Tempos Livres ou Ateliês de Verão.

Consiste num conjunto de atividades, entre visitas guiadas temáticas, jogos, Horas do Conto ou Gincanas Culturais, entre outras.

O objetivo da equipa de mediação cultural neste projeto é proporcionar um momento de enriquecimento cultural, baseado numa prática menos escolarizada e associada à vertente lúdica, de forma a poder tornar as atividades realizadas neste momento do ano mais descontraídas para crianças e jovens e menos conotadas com atividades de índole escolar.



Projeto | Ateliê de Verão da AAMQC

A Associação de Amigos do Museu Quinta das Cruzes, com a colaboração da equipa do Serviço Educativo, promoveu no verão de 2021 um conjunto de atividades lúdico – pedagógicas direcionadas para crianças do 1.º ciclo relacionadas com a peça O Orquestrafone.

Ao longo de uma semana, entre os dias 26 a 30 de julho, um grupo de 12 crianças teve a oportu-

nidade de realizar diversas atividades artísticas que contaram com a colaboração – na organização e dinamização de conteúdos – de vários associados da AAMQC, como o Escultor Ricardo Velosa, o Dr. José Júlio Castro Fernandes e as pintoras Marta de Castro e Teresa Figueira.

Com a coordenação da Professora Ana Isabel Portugal, o ateliê permitiu a oportunidade da AAMQC colaborar na promoção do MQC como espaço educativo, e ainda divulgar a Associação junto da comunidade.



| OUTRAS ATIVIDADES PEDAGÓGICAS

Em 2021, por ocasião do lançamento do Boletim Infantil MQC n.º 11 e do novo conto “O Museu do Futuro” retomamos a realização de Horas do Conto destinadas ao público pré-escolar.

Este tipo de atividade pedagógica, inspirada no storytelling, permitiu a exploração de histórias de forma criativa e adaptada para grupos infantis permitindo criar um primeiro contato com as coleções do Museu.



A Mediação Cultural no Museu Quinta das Cruzes em anos de Pandemia

| Mediação Cultural ONLINE

Além das atividades realizadas pela equipa do Serviço Educativo a nível presencial, referimos igualmente, a atividade de mediação cultural concretizada através das plataformas digitais do MQC.

— Rúbrica "MQCdeAaZ"

Esta rúbrica, realizada para a plataforma Instagram, tem como objetivo a divulgação das coleções do Museu contextualizando as mesmas com temáticas diversas que vão sendo apresentadas na sequência do alfabeto.

— Rúbrica "Pormenores do MQC"

Divulgação das coleções do Museu através da publicação de pormenores de peças em contexto de diversas datas comemorativas.

— Outras Ações de Divulgação Online

Nestas ações incluímos as comemorações online, atividades educativas e oficinas criativas, divulgação geral das atividades presenciais, informações ao público sobre abertura e encerramentos do Museu, entre outras.

Estes recursos virtuais de comunicação, utilizados de forma transversal pela maioria da população, possibilitam o contacto e a divulgação, de forma direta e rápida, de qualquer informação, tornando-se mais um canal de divulgação utilizado pela equipa de mediação cultural do Museu para a realização da sua função educativa e de comunicação com o público.

NOTAS FINAIS

Podemos referir que o ano 2021 foi um ano em que a equipa do Serviço Educativo teve de continuar a realizar um trabalho de adaptação, na forma de concretizar a atividade pedagógica e de divulgação das coleções do Museu.

Numa primeira fase do ano, entre os meses de janeiro e março, devido a contingências da Pandemia, os métodos de trabalho tiveram, nova-

mente, de sofrer adaptações, havendo a realização de teletrabalho nesse período, tendo sido necessário recorrer, unicamente, às plataformas digitais para poder realizar um trabalho de comunicação com o público.

Com a evolução da situação pandémica e com a adaptação da sociedade a esta realidade, foi possível, a partir da primavera de 2021 retomar de forma gradual o trabalho de mediação cultural na sua vertente presencial. Assim, foi dada continuidade a esta função museológica que permite criar a interação direta entre o público e as coleções.

Assistimos ao regresso da frequência dos grupos escolares, ateliês de verão, à formação de professores no espaço museológico, bem como, o retomar de atividades que, em 2020, haviam sido suspensas.

A tendência até agora, em pleno ano de 2022, é de aumento da frequência do Museu por parte de diversos públicos: escolas, famílias, idosos, retomando os hábitos de visita e o contacto com as instituições culturais como locais de lazer, entretenimento e aprendizagem.

Que este possa ser, um momento em que reintegramos todo o conhecimento e experiência adquirida e possamos dar continuidade a esta nova forma de Mediação Cultural iniciada, tornando o presencial e o digital formas complementares de fruição, entretenimento e educação em contexto museológico.



por Gabriela Nóbrega Neves
Técnica Superior do Museu Quinta das Cruzes

Lançamento do Livro infanto - juvenil “6 séculos, 6 histórias”

A 18 de fevereiro de 2022, pelas 11h30, realizou-se no Museu Quinta das Cruzes, o lançamento do livro infantojuvenil “6 Séculos, 6 Histórias” presidido pelo Secretário de Turismo e Cultura, Dr. Eduardo Jesus e pela Diretora de Serviços de Museus, Dra. Graça Alves, com a presença de uma turma de alunos de 3º ano do Externato Júlio Dinis.

“6 séculos, 6 histórias” é um livro que nos remete para as memórias do Museu Quinta das Cruzes, que estão ligadas à vida e a história da cidade do Funchal e revela 600 anos de história da Ilha da Madeira através do Museu e da sua Quinta, documentada como a última residência de João Gonçalves Zarco, descobridor da Ilha da Madeira.



Foi a partir desta relação que se projetou esta publicação que apresenta 5 narrativas, produzidas pelas técnicas superiores do serviço educativo do MQC, Andreia Morgado e Gabriela Nóbrega Neves, com base nas coleções e história da Quinta das Cruzes e que transmitem conhecimentos ligados ao valor artístico do bem cultural e à importância da salvaguarda deste património



regional que deve ser divulgado e refletido em comunidade.

Esta publicação oferece ao leitor uma viagem desde o século 16 ao 21, com referência a João Gonçalves Zarco, 1º capitão-donatário do Funchal, no conto “A Casa das Cruzes”, ao comércio do açúcar e à família Lomelino que habitou este espaço durante 200 anos, no conto “A Quinta das Cruzes”, à presença inglesa no Funchal no século 18 e a importância desta cidade como escala comercial entre o Oriente e a Europa, na narrativa “Funchal: porto de ligação com o mundo”, ao Turismo Terapêutico no século 19, através do conto “Viagens em Papel” e a identificação do acervo do Museu Quinta das Cruzes, fundado no século 20, representada na história “Artes decorativas e criativas”.

O último conto, dedicado ao século 21, apresenta-se em branco ao leitor, partindo do pressuposto que esta é uma história ainda em construção, solicitando-se a participação deste enquanto autor.

Esta publicação, que contou com a coordenação da Diretora do Museu Quinta das Cruzes, Dra. Teresa Pais, pretende ser uma ferramenta educativa que permitirá ao serviço educativo deste museu, a realização de diferentes e variadas dinâmicas lúdico-pedagógicas, como teatros de fantoches, horas do conto, visitas temáticas, *storytellings* sempre assentes na valorização do nosso património museológico e histórico.



Destaques:

Dia Internacional dos Museus

18 de Maio de 2022

- Lançamento online do *Boletim MQC nº 15* e do *Boletim MQC Infantil nº 12*, publicações anuais, destinadas ao público em geral e infantil.
- 10h00 - Visita Guiada Temática: "*Memória em Movimento*"
- 16h00 - *Visita geral* às coleções do museu dirigidas ao público em geral.
- 17h30 - *Audição Comentada* do Orquestrão

Siga-nos nas redes sociais:



Website: mqc.madeira.gov.pt



/Museu Quinta das Cruzes



/Museu Quinta das Cruzes

Boletim anual - Nº 15

Projeto: Teresa Pais

Coordenação: Teresa Pais e Gabriela Nóbrega Neves

Grafismo e inserção de conteúdos: Gabriela Nóbrega Neves

Colaboração especial: Ana Isabel Portugal, Eberhard Axel Wilhelm e Márcia de Sousa

Textos MQC: Andreia Morgado, Bruno Silva, Gabriela Nóbrega Neves, Joana Veiga França, Teresa Pais

Fotografias: ©Arquivo MQC

Impressão: Sala gráfica / DRC

Edição: Museu Quinta das Cruzes, Funchal | 2022



Secretaria Regional
de Turismo e Cultura
Direção Regional da Cultura

Museu Quinta das Cruzes

Calçada do Pico, nº 1 /9000-206 FUNCHAL

Tel: 291 740 670 / Fax: 291 741 384

e-mail: mqc.drc.srtc@madeira.gov.pt

site: mqc.madeira.gov.pt

Jogo Online “Exploradores Digitais”

No passado dia 14 de maio, no âmbito da Comemoração da Noite Europeia dos Museus, foi disponibilizado ao público infante - juvenil o jogo “Exploradores Digitais”, um jogo online acessível via link ou QRCode, destinado a visitantes acompanhados por crianças / jovens e que permitirá uma exploração autónoma e educativa da exposição permanente.

Poderá aceder a este e a outros jogos, através do seguinte QR Code

